

# NOVO TIPO DE MULHER DE JULIO E A NOVA

Em toda a literatura portuguesa—mais distinta na variedade de estilos, do que na variedade de tipos humanos—não se destaca uma figura de mulher de robusta personalidade, actuando independente, por si, vivendo uma vida intensa e livre entre as criações do romancista.

A mulher da nossa literatura, quer seja a sentimental e ardente heroína de Camilo, a Hermengarda, ativa e gelada de Herculano, as frescas raparigas simples de Julio Denis, a estranha Joanninha, de olhos bizarramente verdes, as mulheres mais fêmeas de Eça, não passam do acessório sensual e caprichoso da pessoa masculina que ocupa o livro. Talvez isto devido ao feitiço biográfico dos nossos escritores que principalmente descrevem acontecimentos e paisagens focadas dentro do drama da sua vida, em alguns movida e rica, mas quasi sempre de olhos fechados a uma larga visão social.

Só assim se explica a falta de substância filosófica nos nossos melhores romances onde as personagens agem muito mas muito pouco pensam.

A riqueza activa de factos, de acontecimentos, não se liga uma preocupação cerebral de conhecer e agitar sistemas de ideias, cavar razões na vida da personagem para dar uma convicção à angústia do seu caso, trazer para dentro da acção a explicação moral que está para lá dos movimentos.

O escritor português constrói só com as figuras do ambiente em que vive, ambiente social em que a mulher está abaixo do homem tapando a sua individualidade, apagando os seus pe-

quenos heroísmos domésticos, os seus excedimentos humanos, para destacar mais a personalidade do homem.

E' esta a mulher tipo de todos os romances portugueses: a mulher do lar, que procura o homem ou dele foge na mesma ansia humana de entregar-se-lhe, que vive abraçada a ele no aconchego da casa—amando-o ou traíndo-o.

Júlio Dantas—que é hoje, só sob um ponto de vista formal, o maior expoente da nossa cultura—deu-nos um novo tipo. E' a mulher livre, feminista deteriorada coberta de vestidos caros e jóias caras, na qual tem sociedade franca o marido e os amantes, numa atmosfera de escândalos chiques e bocejos causados de vida ôca.

Esta não é a companheira, é um animal de luxo dispendioso do marido, tem a sua independência rebelde e estéril, uma cabeça adorável pintada e ideias suas. Saiu da tutela do marido porque é igual a êle: tem direito de voto, joga hoquei e pensa.

Quando a amiga pergunta a lady Bradfield se não acha que os maridos delas são horríveis, ella filosofa resignadamente:

«Talvez. Mas que se há-de fazer se não temos outros?»—«o nosso primeiro dever é sabermos ser as bonecas dos nossos maridos. Se não soubermos êles arranjam outras mais agradáveis».

Também, para ella, o marido é um luxo, uma distracção mais, e o casamento uma variante sofrível que ajuda a passar o tempo. Se o ensaio falhou, é fácil—o divórcio.

Infelizmente «não se sabe se

um marido presta sem ter tido o incómodo de casar com êle...»

Depois é preciso variar, «deve ser aborrecido viver eternamente ao lado do mesmo homem».

A vida para ella é um prazer supérfluo—chega a aborrecer-se sem descobrir em que matar o tempo.

Não a assustam as preocupações miseráveis do pão que falta, de noites veladas à cabeceira dum filho doente, porque ella não tem filhos e a sua mesa é opulenta como o seu maravilhoso leito império.

E assim nos passa pelos olhos essa procissão de pobres inúteis que não têm mais que fazer no livro senão combinar divertimentos, fechadas no seu egoísmo, a pensarem em si e nos seus gózos banaes, desoladas, entre luxos com brações, ramos de junquillo; desmaiando em falanças italianas, d'etos insípidos de «hommes-à-femmes» tam inúteis como ellas e muitos mais objectos delicados chamados finamente em francês.

Se alguma quere fazer-se doutora, saber, libertar-se para uma existência mais proveitosa, submerger-a um arrôto de bom senso—«as mulheres que pretendem substituir os homens mandam—afinal muito menos do que as outras».

Admira-nos como com êstes espantelhos de frivolidade a pensarem pretenciosamente tolices banaes pela cabeça do seu autor, em corridinhas histéricas pelos «courts» de tennis, a atirarem-se para os amantes na cara dos maridos, bisbilhotarem escândalos em compridos diálogos de intrevistazinhas insignificantes, se podem encher duzentas páginas.

## (Continuação da página anterior)

Em suma, a ciência está hoje elaborando o processo completo da Metafísica: lógico, psicológico, histórico e moral. Por essa razão os metafísicos alemães não vêem outro refúgio senão o seguinte:—a eliminação total da ciência, o que conduz à mentalidade pré-lógica ou primitiva, círculo vicioso de onde não consegue sair.

Onde está então o futuro? «Na concienzialização progressiva do Homem e da Natureza», que seguirá o seu progresso ao lado das Artes; em duas palavras, na ciência e na arte, entre as quais não há lugar para a metafísica.

## BIBLIOGRAFIA PRINCIPAL A CONSULTAR:

- La Philosophie Scientifique—Hans Reichenbach.
- L'Ancienne et la nouvelle logique—Rudolf Carnap.
- Théorie de la Connaissance et Physique moderne—Philip Frank.
- Les énoncés scientifiques et la Réalité du Monde extérieur—Moritz Schlick.
- Le Problème de la Logique de la Science—Rudolf Carnap.
- La Science et la Métaphysique devant l'analyse logique du langage—Rudolf Carnap.
- Logique, mathématique et connaissance de la réalité—Hans Hahn.
- Le Cercle de Vienne—Otto Neurath.

La Fin de la Physique mécaniste—Philip Frank.

La Science des Caractères dans ses relations avec la méthode scientifique—Marcel Boll.

(Todos da colecção «Actualités Scientifiques», Herman & C.—F. vs).

Atomes e Cosmos—Reichenbach.

Le Principe de Causalité—Philip Frank.

Les Tendances actuelles de la Philosophie Française—Marcel Boll.

La Science et l'Esprit positif chez les penseurs contemporains—Marcel Boll.

La Personnalité et ses manifestations—Marcel Boll et Delmas.

La Structure du corps et les Caractères—Kretschmer.

La Mentalité Primitive—Levy-Bruhl.